

NO FINAL, NADA?

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Lohfink, Gerhard

No final, nada? : sobre a ressurreição e a vida eterna / Gerhard Lohfink ; tradução de Monika Ottermann. - São Paulo : Paulus, 2025.
(Coleção Biblioteca de Teologia)

Bibliografia

ISBN 978-85-349-5950-6

Título original: Am Ende das Nichts? Über Auferstehung und Ewiges Leben

1. Vida eterna – Cristianismo 2. Morte - Aspectos religiosos – Cristianismo 3. Ressurreição

I. Título II. Ottermann, Monika

25-5096

CDD 236.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Vida eterna - Cristianismo

GERHARD LOHFINK

Tradução
Monika Ottermann

NO FINAL, NADA?

Sobre a ressurreição e a vida eterna



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *Am Ende das Nichts? Über Auferstehung und Ewiges Leben*
© 2024² Verlag Herder GmbH, Freiburg im Breisgau

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial

Elisa Zuigeber

Revisão

Tiago José Risi Leme

André Odashima

Lucas Giron

Design

Andrea Cristina Florez Marin

Impressão e acabamento

PAULUS

1ª edição, 2026



Conheça o catálogo PAULUS
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.
Televendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS - 2026

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091
São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-5950-6

ÍNDICE

Prefácio	7
Parte I – O que as pessoas pensam	11
1. A pergunta de todas as perguntas.....	11
2. Entre o ceticismo e a crença na alma	18
3. Continuar vivendo nos descendentes?	27
4. Sempre novos renascimentos?.....	36
5. Diluir-se no universo?	46
6. O anseio pela extinção	58
Parte II – O que Israel experimentou	69
1. Fé que luta pela inteligência	69
2. Mundanidade: concentração radical no alguém	73
3. Distanciamento da fé no além.....	79
4. Abrigo em Deus.....	85
5. Incipiente fé na ressurreição	90
6. A inteligência duradoura de Israel	97
Parte III – O que veio ao mundo com Jesus	105
1. O anúncio de Jesus.....	105
2. Os feitos poderosos de Jesus.....	113
3. A impotência de Jesus.....	116
4. A ressuscitação de Jesus	121
5. O Primogênito dos mortos.....	128
6. Nova criação.....	134
Parte IV – O que vai acontecer conosco	141
1. Encontro definitivo com Deus	143
2. Morte como juízo.....	156
3. Juízo como misericórdia.....	168
4. Purificação na morte.....	174
5. E o inferno?	182
6. Toda a pessoa	189

7. Toda a história do mundo.....	196
8. Toda a criação.....	203
9. A cidade ansiada.....	214
10. Sobre a relatividade do tempo	224
11. Sobre a continuação da alma.....	237
12. Sobre a participação.....	244
Parte V – O que podemos fazer	259
1. A verdadeira preocupação para com os nossos mortos.....	259
2. Morrer de modo cristão	266
3. Quando começa a eternidade?.....	275
Referências	289
Fontes.....	301
Agradecimentos	303

PREFÁCIO

Deus é o infinitamente próximo
e o infinitamente distante;
falar dele não é possível
a partir de uma distância média
(Nicolás Gómez Dávila).¹

No título deste livro, vislumbramos uma alternativa: no final, o nada – ou a ressurreição dos mortos. Seria bom se esta alternativa radical dominasse hoje a reflexão sobre a morte. Infelizmente, não é assim. O sóbrio “ou-ou” é bastante raro. Em vez disso, muitas pessoas contemporâneas encontraram uma grande variedade de soluções provisórias suaves e calmantes, como “diluir-se na natureza”, “viver nos descendentes” ou “sempre novos renascimentos”. Muitas vezes, toda a interpretação do mundo consiste simplesmente em reprimir a ideia da própria morte.

Este livro aborda, uma após a outra, todas as pseudossoluções e soluções intermediárias. Quer mostrar que não são possibilidades reais. O que resta no final é um verdadeiro “ou-ou”. Ou a ressurreição ou o nada impiedoso. Contudo, “o nada”, neste caso, significa que: não só as grandes questões da existência humana permanecem sem resposta para sempre, mas as inúmeras pessoas que foram violadas, torturadas até à morte e apagadas ao longo da história nunca terão as suas vidas e a sua honra de volta.

O livro elucida muitas outras questões. Por exemplo, por que não houve, por tanto tempo, esperança de ressurreição no Antigo Testamento? Será que a crença generalizada no aquém, tão presente no Antigo Israel, é em última análise algo que permanece

¹ Nicolás Gómez Dávila, *Aufzeichnungen des Besiegten. Fortgesetzte Scholien zu einem unbegriffenen Text*, Viena (Karolinger Verlag) 2012, 32.

fundamental – mesmo para pessoas cristãs que esperam pela sua ressurreição?

E mais: será que a ressurreição de Jesus é apenas uma afirmação da esperança cristã pela ressurreição ou será que é o ponto de partida fundante, sem o qual não só não há ressurreição, mas a ressurreição não pode ser pensada adequadamente?

Acima de tudo: quando é que começa a ressurreição? Em dez mil anos? Num futuro distante? No fim do mundo? Quem pensa assim, será que não segue um esquema temporal ingênuo que na física moderna só é válido até certo ponto e que, mesmo assim, é transferido para o mundo além da morte? Mas se todo tempo terrestre acaba na morte, será que a ressurreição de Jesus, e com ela a ressurreição de todos os mortos, não fica diante de nós, imediatamente?

E mais: o que exatamente ressurge na ressurreição? Uma pessoa abstrata? Ou toda a história dessa pessoa com suas derrotas e vitórias, suas misérias e seus êxtases – com tudo que essa pessoa pensou e desejou, ansiou e amou?

Mais ainda: e quanto ao cosmos, à matéria, aos animais, aos pré-humanos na transição para os humanos, aos incontáveis nascituros que nunca tiveram a oportunidade de vir ao mundo – existe ressurreição também para eles?

E finalmente: nos céus estará somente Deus e nada mais? Ou será que ali existe tudo que desejamos e todas as pessoas que amamos – mas justamente *com* Deus e *em* Deus, para que Deus seja “tudo em tudo”?

Escrevi este livro por causa de perguntas como estas. São as minhas próprias perguntas. É claro que não procuro a resposta na minha sabedoria pessoal, que é muito carente. Procuro-a no Antigo e no Novo Testamento, na Tradição da fé cristã e naquilo que pensaram os grandes teólogos do passado e do presente. Mas eu a procuro também na razão, ou seja, num dos maiores dons que Deus deu ao ser humano.

E já que todas as perguntas que estão neste livro são as minhas próprias perguntas, procurei constantemente a linguagem

adequada. Como podemos falar hoje, com responsabilidade, sobre a morte e a ressurreição, sobre o juízo e o purgatório, sobre o inferno e a vida eterna e, finalmente, sobre a plenificação da criação? Qual seria a linguagem que as pessoas de hoje poderiam entender? Qual seria a linguagem adequada que não pareça sebosamente piedosa, mas também não seja maçante?

Há *uma* coisa que temi o tempo todo ao escrever este livro, tentado evitá-la: entediar o leitor. Por isso passei a discussão das doutrinas teológicas, na medida do possível, para as notas de rodapé. Ali, esta discussão é de fácil acesso e, por vezes, se tornou bastante extensa. Mas quem não quiser, não precisa ler essas notas.

Pensar e escrever este livro me mostrou mais uma vez quão libertadora é a fé cristã na ressurreição dos mortos. Quem se sustenta nesta fé pode viver tranquilo no “hoje” bíblico, porque assim cada hora da sua vida tem importância e esperança. E pode investir forças na construção de uma sociedade justa, porque o mundo da ressurreição é a forma final dada por Deus ao próprio mundo pelo qual lutamos aqui na nossa história.

Estou mais uma vez em dívida com o Dr. Bruno Steimer da editora Herder. Agradeço-lhe do fundo do meu coração toda a sua ajuda generosa e ativa. Mas dedico o livro, com respeito e gratidão, à Sra. Gerlinde Back, pois foi ela quem me deu o primeiro impulso.

Munique, março de 2017
Gerhard Lohfink

O QUE AS PESSOAS PENSAM

1. A pergunta de todas as perguntas

O que vem após a morte? Enquanto os nossos antepassados animais se tornaram lentamente humanos, ao longo de vastos períodos de tempo, eles podem não ter sido capazes de distinguir entre o estado de vida dos vivos e o estado de morte dos mortos. Há evidências de que, nos primeiros estágios da humanidade, ainda não havia uma compreensão do caráter definitivo da morte.² Mas em algum momento, impiedosamente, esse caráter definitivo foi percebido. E com isso estava no mundo a pergunta sobre o que acontecerá com as pessoas após a sua morte. A importância fundamental desta pergunta mostra-se numa variedade desconcertante de rituais para os falecidos. As sepulturas mais antigas que conhecemos datam do Paleolítico, a Idade da Pedra Antiga. Os ossos encontrados nessas sepulturas revelam que os mortos foram cuidadosamente enterrados, alguns deles estavam em posição de dormir. No entanto, alguns deles também estão sentados em posição fetal. Será que as pessoas esperavam que renascessem? Frequentemente, eram equipados como se fosse para uma longa viagem: com armas, ferramentas de pedra e pedaços de carne como alimento.

² O fato de animais altamente desenvolvidos poderem fazer luto não é um argumento contrário. Frequentemente tem sido observado que mães chimpanzés carregam consigo o cadáver de seu filho morto durante dias. Foi até observado que elefantes retornam repetidamente, durante vários dias, ao cadáver de um companheiro morto. No entanto, tudo isso não significa necessariamente a inteligência sobre o que é a morte.

O costume de polvilhar os enterrados com ocre vermelho também é muito antigo. Parece que o ocre vermelho era considerado um substituto ritual de sangue, e assim, um poderoso símbolo de que os mortos continuavam vivendo.³ Mais tarde, o tratamento com tintas avermelhadas cor de terra tornou-se surpreendentemente difundido: sepulturas com esse costume foram encontradas na Europa, África e América. Os mortos eram também frequentemente posicionados de tal forma que ficassem voltados para o oriente, em direção ao sol nascente. Ou eram mumificados para preservar o corpo e assim garantir a continuidade da sua vida no mundo do além.

O rito de celebrar banquetes nos túmulos dos falecidos deve ser muito antigo – e certamente não apenas para confortar as pessoas enlutadas. Tratava-se mais de assegurar uma comunhão inquebrantável com os falecidos. Afinal, uma refeição festiva era uma celebração de comunhão, criava laços duradouros e dava vida.

Mas o âmbito de garantir um lugar no além foi muito mais amplo: em muitas culturas havia sacrifícios rituais pelos mortos. Os falecidos frequentemente recebiam água limpa por meio de libações. Desta maneira, deveriam ser protegidos das águas ruins do inframundo. Também feitiços eram muito difundidos. Seu objetivo era desbravar o caminho dos falecidos em sua perigosa viagem para o país que ficava além da morte. No antigo “Livro dos Mortos” egípcio, uma espécie de guia de viagem para o além, a pessoa que ainda está viva recebe fórmulas com as quais pode se justificar no juízo após a morte.⁴ Usando estas fórmulas, ela dirá aos 42 juízes dos mortos quais crimes *não* cometeu,⁵ proferindo – entre muitas outras declarações de inocência – as seguintes fórmulas:

³ O uso de ocre também pode ser interpretado como uma medida prática: o ocre tem um efeito antibacteriano e conservante. É claro que, assim como no caso da mumificação, o significado simbólico não está absolutamente excluído.

⁴ J. Assmann, *Tod und Jenseits* 336: “Desde o início do Novo Reino, por volta de 1580 a.C., os textos funerários já não eram escritos sobre os caixões, mas em rolos de papiro. São esses rolos que chamamos de ‘livros dos mortos’”. Sobre o juízo dos mortos, cf. 106-115.

⁵ Os especialistas chamam isso de “confissões de culpa negativas”.

Eu não blasfemei contra Deus.
 Eu não agredi um pobre.
 Eu não tornei [outros] doentes [por magia].
 Eu não fiz [outros] chorar.
 Eu não cometi assassinato.
 Eu não ordenei assassinato.
 Eu não fiz mal a ninguém.
 Eu não furtei *pães* sacrificiais dos mortos.
 Eu não cometi adultério.

A coisa toda é, antes de tudo, um acontecimento mágico. Se a pessoa morta conseguia proferir corretamente estas e outras declarações de inocência, as divindades do juízo a deixavam passar, e ela entrava no reino da vida eterna. Mas é óbvio que a crença em tais juízos no mundo do além também mudava a vida neste mundo, no mundo do aquém. A pessoa viva que aprende e internaliza as fórmulas sabe muito bem que, após a sua morte, não pode mentir aos juízes divinos.

Mas os povos não lidaram apenas desta forma com a morte. Também o fizeram no esforço do pensamento filosófico. Num dos seus escritos mais profundos, a saber, o diálogo *Fédon*, o filósofo grego Platão (428/427-348/347 a.C.) conta as conversas que Sócrates teve com os seus amigos no dia da sua execução. Trata-se da sobrevivência da alma.

A vida do ser humano justo, sábio, filosófico, diz Platão pela boca de Sócrates, é uma morte gradual. Porque o verdadeiramente sábio busca discernimento e prudência ao longo de toda a sua vida. Está procurando o verdadeiro ser, a verdadeira realidade. Por isso, organiza a sua vida inteiramente em direção à sua alma. Fecha-se aos constantes desejos do corpo e assim distancia o seu ser mais íntimo do corpo, já no meio da vida. O conhecimento puro não pode existir enquanto a alma gemer sob o peso opressivo do corpo. O conhecimento puro pressupõe o desapego do corpo.

Na morte, ocorre de forma definitiva a mortificação praticada em vida. Na morte, a alma separa-se do corpo. Na morte morre o que há de mortal no ser humano. Mas o imortal escapa

da morte intato e não é destruído. Na morte, diz Platão, a alma do sábio e justo entra no reino do sempre existente, do eterno, do indestrutível e imutável. E assim, separada da irracionalidade e dos grilhões do corpo, ela, juntamente com muitos que, como ela, buscaram o verdadeiro conhecimento, recebe uma participação na existência eterna: no mundo perfeito da verdade e da beleza.

A grande beleza do *Fédon* é que nada disso é simplesmente decretado como se fosse uma verdade indiscutível. Como na maioria dos diálogos de Platão, Sócrates e seus amigos lutam pelo conhecimento em sempre novos passos. No final do longo dia – pouco antes de morrer tomando a taça de veneno –, Sócrates diz:⁶

É claro que afirmar com a mente obstinada que tudo que eu disse é verdade incondicional não é apropriado para alguém que costuma pensar. Mas, já que a alma é imortal, pode ser firmemente sustentado que o destino das nossas almas e a sua habitação [no mundo divino da verdade] é assim ou parecido – e vale a pena ousar acreditar nisso. É uma ousadia maravilhosa.

No final, Sócrates vai calmamente, quase alegremente, para a morte à qual os juízes atenienses o condenaram. Na frente dos seus amigos, ele bebe o cálice de cicuta. Pelo menos é assim que Platão o descreve. Na história do Ocidente, o seu *Fédon* teve uma história de recepção extraordinária. As suas ideias foram constantemente rejeitadas ou adotadas, ridicularizadas ou admiradas.

Até hoje, a pergunta sobre o que vem depois da morte não quer se calar. Basta dar uma olhada atenta nos obituários em qualquer jornal. Ali há uma abundância de confissões cristãs e não cristãs, filosóficas e estéticas sobre o sentido da morte. A pergunta sobre o que vem depois da morte permeia todas as sociedades, mesmo as mais iluminadas. Ela reaparece constantemente, mesmo quando é reprimida e quando se inventam rituais para reprimir a realidade da própria morte. A pergunta é inextinguível.

Mas será que é uma pergunta que faz sentido? Será que é sequer possível existir uma resposta para perguntas desse tipo?

⁶ Platão, *Fédon*, cap. 63 (114d), segundo a tradução alemã de Franz Dirlmeier.

Será que, aqui, Platão não está demasiadamente confiante? Será que não estamos antes na situação daquela piada judaica em que conversam dois judeus, um dos quais é cego de nascença?

- Você quer um copo de leite? – pergunta aquele que *vé*.
- Descreva-me o leite, por favor! – diz o cego.
- Leite *é um líquido branco*.
- Legal. E o que é branco?
- Bem, branco é um cisne, por exemplo.
- Hum... E o que é um cisne?
- Um cisne? É uma ave com pescoço longo e torto.
- Bom. Mas o que é torto?
- Torto? Agora vou dobrar meu braço e você vai apalpá-lo. Aí você vai saber o que é torto.
- O cego apalpa cuidadosamente o braço curvado para cima do outro homem e depois diz:
- Maravilha! Agora sei finalmente o que é leite.

A piada é absurda. Ao mesmo tempo, é sutil como muitas outras piadas judaicas. Mas, por que é que o cego pergunta? Por que ele simplesmente não bebe? Aí ele já saberia muito sobre o leite. Aí ele o teria saboreado. Em vez disso, essas tentativas inteligentes, mas um tanto malucas, de explicar o leite!

Mas será que nós não fazemos algo semelhante? Queremos explicar a vida humana, queremos saber o que ela realmente é, indo além da vida, falando sobre uma vida *após* a vida, acreditando que temos que explicar a vida através de um mundo do além, dando nisso as voltas mais malucas – em vez de simplesmente viver. Por que não bebemos simplesmente o leite da nossa vida?

Não seria melhor concentrar todas as nossas forças nesta vida na qual fomos lançados? Não deveríamos fazer tudo que pudermos para viver a nossa vida da maneira mais adequada possível e nos calar sobre todo o resto? Não seria melhor aceitar em silêncio as linhas tortas da vida, as suas complexidades e os seus enigmas – com raiva de muitas coisas, mas também com muita confiança –, e deixar tudo que está além dela como um mistério do qual não nos cabe conhecimento?